

**“Os capangas de Deus”<sup>1</sup> contra “os filhos da viúva”<sup>2</sup>:  
intelectuais conservadores e antimaçonismo em Pernambuco  
(1930-1945)**

“Os capangas de deus” versus “os filhos da viúva”:  
Intellectual and conservatives in antimaçonism of Pernambuco  
(1930-1945)

*Augusto César Acioly Paz Silva*<sup>3</sup>

**Resumo**

O presente artigo procura analisar os conflitos que foram sendo estruturados entre setores do laicato e da intelectualidade católica e os maçons durante a Era Vargas. Observando, como a intolerância e o antimaçonismo, eram aspectos importantes no interior destes conflitos e da própria relação entre estes setores. Além de lançar um olhar e analisar, como a produção destes segmentos através de obras pertencentes a biblioteca dos setores ligados ao laicato católico, mais especificamente, os congregados marianos, além de publicações relacionadas a este laicato, contribuíram numa visão conservadora e antimaçônica, que passava pela associação dos maçons como agentes de uma política que simpatizava com comunismo e o judaísmo, dentro da visão do complô-maçônico-judaico-comunista, tão largamente explorado pelos intelectuais católicos durante as décadas de 1930 e 40.

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada por Paulo Cavalcanti no seu livro “o Caso eu Conto como o Caso foi”, para referir-se aos congregados Marianos ligados ao Colégio Nobrega, em relação as suas atitudes de intolerância com relação a segmentos sociais que não compartilhassem do seu ideário e credo.

<sup>2</sup>Esta expressão que é utilizada pelos maçons para se autodenominarem, possui algumas explicações e significados, dentre elas, podemos destacar que o Filho da viúva é um apelido comumente aplicado aos maçons. Viúva, no caso é a própria Maçonaria, enquanto instituição, já que seu fundador, Hiram Abiff foi assassinado. Dessa forma, seus filhos, maçons seriam órfãos de pai. Essa, naturalmente, é uma alegoria, e não é a única inspiração dessa curiosa expressão. Na verdade, essa expressão é bastante antiga. Ela já era utilizada nas antigas Iniciações, especialmente nos Mistérios Egípcios. Filhos da Viúva eram todos aqueles que se iniciavam nos Mistérios de Isis e Osíris, pois Isis era a esposa viúva do deus Osíris, morto pelo seu invejoso irmão Seth.(ANATALINO, www.recantodasletras.com.br. Acesso:16/08/2013).

<sup>3</sup> Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba e Licenciando e especialista em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Professor do departamento de História no Centro de Ensino Superior de Arcoverde (AESA/CESA) e na Faculdade de Formação de Professores de Afogados da Ingazeira (AEDAI/FAFOPAI). As suas áreas de interesse e pesquisa são: História da Maçonaria e suas relações com o Catolicismo no Brasil República e em Pernambuco, História e Cultura Política. E-mail:<cesar\_historia@hotmail.com; cesarpibidhistoria@gmail.com>

**Palavras chaves:** Maçonaria, Antimaçonismo, Intelectuais Católicos e Era Vargas.

### **Abstract**

This article seeks to analyze the conflicts that have been structured among sectors of the laity and the Catholic intelligentsia and the Masons during the Vargas Era. Observing such as intolerance and antimaçonismo, were important aspects within these conflicts and the very relationship between these sectors. In addition to launching a look and analyze , as the production of these segments through works from the library of sectors linked to the Catholic laity , more specifically , Marian gathered , and publications related to this laity contributed a conservative and antimaçônica vision, passing by the association of Masons as agents of a policy that sympathized with communism and Judaism, within view of the plot -Jewish - Masonic - communist, so widely exploited by Catholic intellectuals during the 1930s and '40s.

**Keywords:** Freemasonry, Antimaçonismo, Catholic Intellectuals and Vargas.

### **A Institucionalização da intolerância**

No ano de 1931, a sociedade pernambucana acompanhou a materialização do sentimento de intolerância, que por vezes tomou conta do discurso dos setores ligados à hierarquia eclesiástica católica romana, com relação aos maçons, por meio do evento que ficou conhecido como “A batalha da Loja Conciliação”<sup>4</sup>. Este acontecimento encontrou, na pena do Secretário da Congregação Mariana, Nilo Pereira, um dos mais destacados representantes do laicato intelectual católico, uma narrativa que adquiria “ares” de um confronto heróico, colocando em campos

---

<sup>4</sup> Este evento que ocorreu no ano de 1931, no confronto entre jovens católicos ligados a Congregação Mariana do Colégio Nobrega, muito atuante dentro dos segmentos católicos e políticos durante a década de 1930 e os maçons da Loja Maçônica Conciliação. O conflito que se desenrolou entre estes dois segmentos, chegando inclusive as “vias de fato”, devido o intenso debate sobre a questão do ensino religioso nas escolas publicas, onde os católicos eram ferrenhos defensores e os maçons um dos críticos mais mordazes, revelam bem o nível de intolerância que estas questões suscitavam.

opostos, as forças divinas, representadas pelos congregados marianos, contra as forças satânicas, que tinham nos maçons os seus principais representantes<sup>5</sup>.

Apresentando o significado deste evento, no interior do pensamento católico conservador pernambucano, a professora Maria das Graças Ataíde, analisa o que foi a chamada “Batalha da Conciliação” e quais os seus desdobramentos:

[...] representado pelas famílias ilustres do estado, [a batalha da conciliação] provocou uma arruaça na Loja Maçônica Conciliação justificada pelo fato dos maçons estarem fazendo comícios para impedir o ensino religioso nas escolas. Nilo Pereira, então Secretário da Congregação, no seu relatório referente ao ano de 1931, transformou o acontecimento numa epopeia de cristãos versus hereges<sup>6</sup>.

Nesse jogo de imagens não é preciso muito esforço para percebemos que os maçons seriam os hereges na história. A defesa do ensino laico nas escolas públicas, por parte da Maçonaria, entrava em confronto direto com a nova determinação, da introdução do ensino religioso obrigatório que se tornava uma reivindicação dos setores ligados a intelectualidade e ao laicato católico em Pernambuco nos anos iniciais da década 1930. O embate em torno desta questão entre as forças católicas e maçônicas trouxe para este grupo, algumas consequências, sendo a maior delas, a crise institucional gerada entre as lojas que apoiavam o combate à legalização do ensino religioso nas escolas públicas e aquelas que preferiram silenciar frente a esta questão. Tal embate culminou na formação de outra potência maçônica independente ao Grande Oriente local, que foi a Grande Loja de Pernambuco.

O episódio descrito acima ainda se constituiu num exemplo concreto do ideário de intolerância<sup>7</sup> que, a partir da década de 1930, marcou Pernambuco e

---

<sup>5</sup>Para maiores detalhes sobre a narrativa a respeito do assunto consultar: *A Tribuna*, Recife 07/01/1934, p.1.

<sup>6</sup> ALMEIDA, Maria das Graças A. A. de. **A Construção da verdade autoritária**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p.184.

<sup>7</sup>Para pensar este conceito ver: WIESEL, Elie. Prefácio. In: BARET-DUQCROQ, Françoise. *A Intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000; AROUET, François Marie. (Voltaire). *Tratado sobre a*

reverberou nas relações políticas, culturais e sociais entre os diversos grupos políticos existentes no estado, principalmente entre aqueles defensores de fórmulas mais conservadoras e os que defendiam propostas mais liberais que tiveram sua realidade agravada, a partir da instalação do Estado Novo, constituindo o que alguns autores chamaram de “tempos sombrios”.

Este arsenal discursivo-imagético, veiculado em periódicos produzidos pela militância intelectual católica romana, apontando os maçons como um perigo a ser combatido e extirpado ganhou, durante este período, um forte apelo emocional, que tinha nos púlpitos das igrejas e na pena de intelectuais católicos, personagens importantes na colaboração de uma posição menos coadjuvante do catolicismo na sociedade brasileira, requerendo para os católicos um lugar de maior destaque no seio de uma nação de essência católica como ponderava grande parte da imprensa católico-militante do período<sup>8</sup>.

Neste cenário de embates, não podemos deixar de observar o papel desempenhado pelos intelectuais ligados ao ideário católico que, através dos órgãos de imprensa que se constituíram e se multiplicaram durante as décadas de 1920 a 1940, em Pernambuco e no resto do país, exerceram um papel importante e influente. Na construção de um ethos, que passou então a ditar determinadas posições acabando por influenciar ou representar, demandas que a hierarquia da Igreja Católica Romana mantinha simpatia ou eram combatidas.

Dentro dessa representação e seguindo os passos que podemos vislumbrar a partir do evento que ficou conhecido como “A batalha da Conciliação”, localizamos a

---

*tolerância*: por ocasião da morte de Jean Calas. São Paulo: Escala Educacional, 2006, p.127; ECO, Umberto. Definições léxicas. In: BARET-DUQCROQ, Françoise, 2000. 2000, op. cit., p. 17.

<sup>8</sup>Esta posição militante vivenciada pela Igreja Católica Romana na Década de 1930, com a organização de espaços de intervenção na Cultura Política do país tem suas raízes a partir do final da segunda década do Século XX, onde muitos autores veem na figura do Cardeal Leme um dos grandes animadores. A publicação da sua pastoral em 1916 e a sua nomeação em 1921 para a função de Arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, contribuíram para que suas ideias sobre a posição dos católicos frente às questões políticas e nacionais tivessem uma maior visibilidade. A ação do Cardeal e de outros pensadores como, por exemplo, Jacson de Figueiredo, foram fundamentais na construção de um laicato militante político.

constituição de um discurso relacionado aos setores católicos, onde a intolerância e a não aceitação daqueles que se encaixassem na visão de mundo católico era promovido por estes intelectuais<sup>9</sup>.

No discurso produzido por tais setores, os maçons desfrutavam de uma posição, onde a aversão era uma perspectiva e um modelo delineador nas relações católico – maçônicas. Os maçons eram vistos como personagens que não se enquadravam ao modelo de mundo defendido pelos pensadores vinculados ao ideário católico, e que usavam os jornais e revistas como suas tribunas na propagação de ideias recheadas de aspectos negativos e preconceituosos a respeito deles. Na difusão de tal posição é importante destacar o trabalho que a congregação mariana ligada ao colégio Nóbrega, de propriedade dos jesuítas e sua biblioteca desempenharam na veiculação de uma postura contrária a maçonaria em Pernambuco.

### **Os Congregados Marianos, sua biblioteca e o antimaçonismo em Pernambuco na Década de 1930 e 40**

No campo de reafirmação e construção de modelos e representações que exploravam uma visão negativa e preconceituosa da Maçonaria, uma força potente se destacava: os Congregados Marianos, associação tutelada pelo Colégio Nobrega, tendo no Padre Jesuíta Antônio Paulo Ciriaco Fernandes, o Pe. Fernandes, uma das figuras centrais, e seu verdadeiro mentor intelectual. Responsável pela formação intelectual de vários membros da elite pernambucana, mais especificamente aquela atrelada a um ideário reacionário e conservador. O Pe. Fernandes era um dos responsáveis na instrumentalização deste espaço, onde a sua biblioteca, passou a

---

<sup>9</sup> Para compreender melhor a formação desta cultura política constituída pela Igreja Católica, de forma mais intensa a partir da Era Vargas e entender suas raízes ver: AZZI, Riolando. *Historia da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964*. Petrópolis, Vozes, 2008; SILVA, Severino Vicente da. *A Primeira Guerra na Tribuna Religiosa: o nascimento da neocristandade*. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985. (Dissertação de Mestrado em História).

constituir-se no centro formador e difusor do ideário antimaçônico em Pernambuco nas décadas de 1930 e 1940.

Numa análise minuciosa a respeito da importância deste ambiente na composição de uma sociabilidade intelectual e intolerante, a professora Silvia Cortez Silva<sup>10</sup>, recompôs a importância que a Congregação desempenhou na formação da referida elite sob a batuta do Pe. Fernandes. Essa elite, ganhou devido a sua formação intelectual, grande destaque nas revistas e jornais atrelados a este ideário conservador, assumindo inclusive, a partir de Novembro de 1937, espaços de poder, dentro do regime que se inaugurava no Brasil e em Pernambuco, com o Estado Novo.

Lideranças intelectuais importantes como Manoel Lubambo, um dos redatores da *Revista Fronteiras* e Nilo Pereira, a quem já nos referimos, contribuíam com vários periódicos da imprensa Católica. Outros personagens que desfrutavam de destaque em outras áreas do conhecimento e que colaboravam, ocasionalmente, com essa imprensa, eram Etelvino Lins e Apolônio Sales, constituindo-se em exemplos concretos da formação legada pela Congregação Mariana, onde a juventude pernambucana tinha o Palácio da Soledade como morada usufruindo dos livros existentes na biblioteca da Congregação e dos encontros dos Marianos da Mocidade Acadêmica (CMMA).

A preocupação inicial do Pe. Fernandes na composição deste acervo, que data de 1929, era de que servisse à consulta e formação dos acadêmicos, que teriam ao seu dispor um acervo voltado para as áreas de Filosofia e Religião, áreas de reflexão importantes no amadurecimento intelectual dos congregados, preparando-os assim, para os debates que deveriam travar no interior da sociedade, preocupando-se em formar indivíduos que se orientassem numa boa desenvoltura e rigor no campo intelectual.

---

<sup>10</sup> SILVA, Silvia Cortez. **Tempos de Casa-Grande: 1930-1940**. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2010, p.109-143.

O acervo da citada biblioteca foi ampliado consideravelmente ao longo da década de 1930, perfazendo um total de cerca de 1.830 títulos, subdivididos em vários assuntos. Nesse tocante, a seção da biblioteca que nos chama maior atenção, é a referente às obras de teor antimacção que foram catalogadas na parte do acervo referente à Maçonaria.

Sob tal aspecto, mesmo sendo classificadas como obras cujo tema norteador era a Maçonaria, não seriam encontradas nesta coleção nenhuma referência a livros que analisassem essa instituição, sem construir dela uma visão negativa. Os argumentos principais estabelecidos nas obras que compunham essa parte do acervo objetivavam formar sensibilidades a partir de uma visão negativa da Maçonaria, com um nítido viés antissemita, característica essa que passaria a constituir-se numa forma de olhar e compreender a instituição maçônica.

Encontrava-se no acervo obras referentes à Maçonaria como: *Sinagoga paulista, História secreta do Brasil, Judaísmo, Maçonaria e Comunismo; Protocolos dos sábios de Sião; Les forces secrets de la revolution, La franco maçonerie e société des nations*. Estes seriam os títulos mais utilizados na formação intelectual dos Congregados, e base para os argumentos e ideias antimaçônicas, que ganhariam espaço nos artigos veiculados pela imprensa ligada ao ideário católico no estado.

Dentre os autores antimacções mais lidos pelos Congregados, encontramos Léon de Póncins, destacado escritor e ensaísta francês, um dos mais conhecidos intelectuais antimacção e antissemita. Suas obras constituíram-se em fortes divulgadoras de uma visão sobre a Maçonaria, enquanto instituição mancomunada com o judaísmo, num plano para desestabilizar a cristandade ocidental. A sua obra de maior destaque sobre o tema, e que se constituía numa referência para os Congregados *As forças secretas da revolução*, que na biblioteca da congregação possuía uma edição original, em francês<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> SILVA, Silvia Cortez. **Tempos de Casa-Grande: 1930-1940**. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2010.

O conteúdo da citada obra revisita boa parte dos argumentos que seriam expostos na imprensa católica pernambucana, sobre a participação da Maçonaria na Revolução francesa e na Revolução russa; métodos utilizados para chegar ao poder, e sua força “oculta”, na condução dos movimentos que pretendiam desestabilizar a sociedade, com a ajuda do poder judaico e seu projeto de dominar o mundo completamente, influenciando a ordem política, principalmente combatendo e destruindo as forças do catolicismo<sup>12</sup>.

A circulação dessas ideias, forjadas a partir da leitura das obras encontradas no acervo da biblioteca da Congregação e a disseminação de tal ideário, tendo como veículo a *Revista Fronteiras*, em cujo corpo editorial estavam personagens com grande relação de proximidade com a Congregação Mariana e o seu mentor intelectual, o Pe. Fernandes. No artigo intitulado “Os grãos mestres da Maçonaria internacional a Ordem dos B’nai B’rith”, está claro que o articulista quer mostrar a existência de relações entre a Maçonaria e o Judaísmo:

A ordem Maçônica Internacional dos B’nai Brith (filhos do testamento) é aberta sómente aos judeus [...] Fundada a 3 de outubro de 1843, em New York City, conta atualmente mais de um milhão de lojas divididas em trinta países do mundo. Em 1880, a Alemanha foi dotada da primeira loja B’nai B’rith constituída fora dos Estados-Unidos. No advento de Hitler, existiam 200 lojas B’nai B’rith na Alemanha com 14.000 membros. A França possuía sómente duas até estes últimos anos, uma em Mulhose e outra em Paris. Leon Blum e Trotsky pertencem á Ordem dos B’nai B’rith[...] São os B’nai B’rith que constituem o agrupamento mais poderoso do judaísmo mundial. Ali reside atualmente o Kahal, ou poder secreto judeu; ali funciona o “secret service” da política judaica. È preciso ser de uma monumental ingenuidade para acreditar que essa ordem se ocupa exclusivamente de obras de beneficência.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> PONCINS, Léon. **As forças secretas da Revolução**: Maçonaria, Judaísmo. Porto Alegre: Globo, 1937, p.115.

<sup>13</sup>GRÃOS Mestres da Maçonaria Internacional – A Ordem dos B’NAI B’RITH, *Revista Fronteiras*, Recife 12/1933, p.5.



Ao apresentarem esta entidade judaica como uma espécie de Maçonaria, o articulista da *Revista Fronteiras*, pretendia reafirmar as estreitas ligações entre o ideário maçom e o Judaísmo, como sendo, no final das contas a mesma coisa. Mesmo constituindo-se numa loja eminentemente judaica, a lógica desta entidade seria a mesma da Maçonaria existente nos vários países, pois se organizava dentro de um princípio ritualístico e propagandeando as suas ações de beneficência. Neste sentido, tanto a B'nai B'rith quanto a maçonaria convencional, compunham-se dos mesmos objetivos, ou seja, difundir e estabelecer o poder judaico no mundo.

Outra leitura obrigatória na formação antimaçônica dos Congregados era a obra de Gustavo Barroso<sup>14</sup>. No acervo da biblioteca encontravam-se três títulos de destaque todos eles voltados para a análise da Maçonaria, *A Sinagoga Paulista*, *História secreta do Brasil* e *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Nessas três obras é visível a retomada da temática da conspiração judaico-maçônica-comunista, temas abordados pelo autor a respeito do complô que seria fomentado por essas três forças políticas, tendo como horizonte principal a destruição da civilização ocidental. As ideias de Barroso tiveram ainda grande influência no ideário integralista no país.

Outro livro do mesmo autor e que estava entre os mais lidos pela intelectualidade católica foi *A História Secreta do Brasil*, que se constituiria em obra de referência na análise do papel desempenhado pela maçonaria brasileira ao longo da História do país, sem deixar de fazer a ligação entre os personagens judaicos e maçons, Barroso construiu sua análise, amparada numa verdadeira teia conspiratória que tece de maneira incisiva a associação entre judeus e maçons, como agentes invisíveis da nossa história, baseado em autores como León Poncins<sup>15</sup> e L. Bertrand<sup>16</sup>. O tema do complô seria discutido ainda em outras obras que foram sendo publicadas

---

<sup>14</sup>Sobre o pensamento antissemita produzido por Gustavo Barroso e a sua efetividade no interior do pensamento político e cultural brasileiro, ver: MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trosky: o pensamento antissemita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.

<sup>15</sup> PONCINS, Léon. *As forças secretas da Revolução: Maçonaria, Judaísmo*. Porto Alegre: Globo, 1937.

<sup>16</sup> BERTRAND, L. *A Maçonaria seita judaica: suas origens, sagacidade e finalidades anticristãs*. São Paulo: Minerva, 1936.

nos anos finais da década de 1930<sup>17</sup>. No discurso antimaçônico, disseminado por Barroso, os objetivos dessa “tríade maligna” seria o de manter o domínio político e econômico sobre a sociedade brasileira, colaborando na destruição dos valores da sociedade cristã, que, ao longo dos anos 1930 e 1940, tornou-se sinônimo de brasileira.

O líder integralista na sua *História secreta do Brasil* promove um passeio por nosso desenvolvimento histórico, desde o processo de ocupação pelos portugueses, até a instalação da República, tendo como mote principal e repetitivo, a presença oculta, das forças maçônico-judaicas, conduzindo os eventos históricos. A sua visão da História é de que sempre existia uma verdade oculta a ser revelada, tendo por trás dela a ação dos maçons e dos judeus. A sua missão intelectual, seria então, a de desvendar, revelar a verdadeira História, lançando o seu olhar analítico e revelador sobre os principais fatos históricos. Construindo a visão de que, por trás dos acontecimentos encontraríamos a “mão invisível” maçônica e judaica, sempre disposta à desestabilizar a ordem e os valores constituídos, além de se preocuparem em obter algum tipo de vantagem de grupo ou financeira sobre os eventos ocorridos<sup>18</sup>.

A circulação deste ideário encontrou-se presente nos espaços intelectuais ligados ao catolicismo romano, além de fazer parte dos argumentos utilizados pelos grupos que se contrapunham à Maçonaria enquanto instituição, como por exemplo, a Ação Integralista Brasileira, da qual Barroso era um dos membros mais graduados e

---

<sup>17</sup>Barroso tornar-se-ia durante a Década de 1930, um dos mais destacados e prolíficos autores antimaçom brasileiro. Elaborando uma obra sobre este tema que trazia como um dos aspectos norteadores do seu antimaçonismo a perspectiva antisemita, filiando-se então a corrente que pensava as ações da Maçonaria dentro do ideário do complô maçônico-judaico-comunista. Dentre as suas obras encontramos além do célebre *História Secreta do Brasil*, *A Sinagoga Paulista* (1937); *A Maçonaria: seita judaica* (1937) que foi uma tradução. Além de *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Esses livros tiveram um importante papel na forma como os intelectuais ligados ao catolicismo, começariam a representar a Maçonaria, superando a dimensão exclusivamente satânica e passando a observá-la como instituição associada a forças políticas desestabilizadora da política nacional.

<sup>18</sup> BARROSO, Gustavo. **História secreta do Brasil**. 1ª reedição. Porto Alegre: Editora Revisão, 1990-1993. (6 Volumes).

destacados. Quase cerca de um ano após a publicação dos primeiros volumes do livro *História secreta do Brasil*, é possível observar a utilização dos pressupostos defendidos nessa obra por parte dos partidários do Integralismo, no estado de Pernambuco. Através de um artigo-resposta, escrito pelo jornal *O mensageiro* patrocinado pela loja Maçônica Mensageiros do Bem, da cidade de Garanhuns, foi possível rastreamos a utilização dos argumentos expostos no texto de Barroso.

No artigo assinado por Heli Leitão<sup>19</sup>, um dos principais colaboradores deste jornal maçônico, e intitulado Sopenhagen, o colaborador maçom, analisava os dois primeiros volumes da *História secreta do Brasil*, centrando a sua argumentação nos seguintes aspectos: o tratamento dado a História do Brasil, pelo escritor integralista, constituía-se numa análise pouco fundamentada e passional sobre movimentos políticos importantes da nossa história, como por exemplo, a Revolução de 1817, construindo desta forma um julgamento negativo. Na visão do autor integralista, este movimento não teria tido nenhuma importância histórica, pelo fato de ter sido forjado pelos maçons e judeus, única e exclusivamente, na sanha de enfeixar mais poder em suas mãos.

Os argumentos críticos, ao livro de Barroso, se tornaram mais contundentes, quando o comentarista do periódico maçônico Heli Leitão, o comparou ao eminente intelectual antissemita austríaco, professor Sopenhagen. Na visão do articulista, Gustavo Barroso compartilhava da mesma visão antissemita defendida pelo professor austríaco, o que fazia com que o líder integralista enxergasse os maçons em colaboração com judeus, em todos os eventos da nossa História, tornando assim, a sua análise pobre e tendenciosa. Outro aspecto destacado pelo colaborador do *Mensageiro* que contribuía, na sua visão, para o enfraquecimento das análises de Barroso, era sua posição xenófoba e fortemente influenciada pelo credo integralista. Sobre esse aspecto Heli Leitão, argumentava que a postura do escritor integralista,

---

<sup>19</sup>LEITÃO, Heli. Sopenhagen, *O mensageiro*, Garanhuns15/05/1937, p.1.

em nada contribuía para o desenvolvimento de uma análise verdadeira, com relação ao nosso passado histórico.

Em contrapartida a esta análise de Barroso, considerada pelo articulista do *Mensageiro*, pouco elucidativa e preconceituosa. Heli leitão desconsidera as especulações do chefe integralista, encerrando o seu artigo com argumentos do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre que frisava a importância, de que o trabalho de um intelectual deveria esmerar-se em não desmerecer os nossos eventos políticos e sociais, atitude que Barroso não havia tomado na construção da sua análise da História onde imperavam preconceitos e intolerâncias.

Destacando ainda, a importância na preservação de uma análise intelectual equilibrada e bem fundamentada, Leitão afirmava “que a obra dos antepassados, o esforço desmesurado dos heróis, que lutaram por um Brasil maior e mais liberto, o sr. Barroso deprime e diminui, como se a sua xenofobia só permitisse o heroísmo num brasileiro que tivesse como ele essa mania de verde”.<sup>20</sup> (grifos nossos). O autor ponderava que, ao invés de realizar uma análise dos nossos eventos históricos e político-sociais, conduzido dentro de uma perspectiva de isenção, um dos critérios importantes na confecção de um trabalho intelectual, as análises de Barroso caíam na maioria das vezes, dentro de uma dimensão passional o que acabava possibilitando, por vezes uma reflexão enevoada e parcial sobre a memória e a história da sociedade brasileira, cumprindo não um serviço, mas, um desserviço.

Os integralistas ligados ao núcleo de Garanhuns, não deixaram de explorar tal clima de desconfiança, segundo denúncia do *mensageiro* que circulou em setembro de 1937, trazendo nas suas páginas a defesa dos maçons contra a atitude de antissemitismo expresso, no jornal integralista *A Razão* que havia circulado na quinta-feira em 16 de março de 1937, este número publicava um artigo onde denunciava uma firma judaica que não pagava impostos na cidade acerca de dois anos.

---

<sup>20</sup>LEITÃO, Heli. Sopenhagen, *O mensageiro*, Garanhuns15/05/1937, p.1.

Em resposta à tal queixa, veiculada pelo periódico verde, o jornal maçônico trazia na sua terceira página um artigo sem autoria, onde eram confrontadas as informações contidas no jornal integralista, utilizando um conjunto de adjetivos negativos para representar o citado periódico, o autor do artigo estampava o seguinte título, *quem seria mais judeu?*. Através deste tom questionador, *O mensageiro* assim posicionava-se:

O pasquim verde que se distribue às quintas-feiras, gratuitamente, por falta de freguez, bem demonstra o seu programa de mentir e ameaçar [...] Numa de suas colunas eivadas de <<besteiras>> diz que uma <<firma judaica>>, daqui, não paga impostos há dois anos. Termina ameaçando-a, lembrando que só a moda de Hitler... Nesse pedacinho ficou provado, pelos próprios camisas verdes que o integralismo é de fato copia do nazismo, cujas orientações obedece [...] Não há nega-la. O mais interessante, porém é que ameaçam aos judeus porque não pagaram os impostos. Agora vejamos: quem é mais judeu? Aquele que não paga a dois anos, ou o chefe local que SEIS ANOS não paga os seus impostos? Quem mais judeu ... e velhaco?<sup>21</sup>.

Percebemos, no argumento construído pelo autor do artigo, o objetivo de diminuir a importância do jornal integralista, utilizando, para tal, termos que pretendiam construir a representação de que o periódico verde não contava com a mesma qualidade desfrutada pela folha maçônica. Para o autor do artigo, o motivo da péssima qualidade do periódico residia no fato de que *A razão*, ao invés de investir num jornalismo de qualidade, encontrava-se mais preocupado na disseminação de “besteiras” no interior das suas colunas, dando desta forma, maior destaque a assuntos e temas que não possuíam importância ou maior relevância do ponto de vista jornalístico e intelectual. Feita esta primeira intervenção, com o objetivo de rebaixar a importância da publicação integralista, o autor do artigo centrou então o seu foco de análise tendo como estratégia norteadora o questionamento da validade que a notícia da atuação ilegal da firma judaica no município de Garanhuns, veiculada pelo jornal *A razão* desfrutava.

---

<sup>21</sup>QUEM seria mais judeu?. *O mensageiro*, Garanhuns 19/09/1937, p.3.

Sob tal aspecto, é possível perceber que, a posição da imprensa maçônica era de defesa em relação às denúncias formuladas pelo jornal integralista, chegando o articulista do *Mensageiro* a pôr em questão, as declarações realizadas pelo chefe integralista local, com relação ao caso da firma judaica de Garanhuns. Ao lançar sobre ele esta nuvem de dúvida, o artigo do *Mensageiro* passou a apontá-lo como um sujeito de má fé, que não cumpria os seus compromissos financeiros, passando a imagem de velhaco, invertendo assim a favor da firma judaica a afirmação que os integralistas faziam a ela.

Ao salientar tal aspecto, é possível perceber qual a estratégia pretendida pelo articulista do periódico maçom, assim como a visão que pretendia construir, com relação ao líder integralista de Garanhuns. O *Mensageiro* pretendia, ao mesmo tempo, desmascarar a liderança integralista e questionar a validade das suas denúncias uma vez que na visão fornecida pelo autor do órgão de imprensa maçom, o chefe integralista não cumpria com os seus deveres básicos de cidadão e figura de destaque na sociedade de Garanhuns, o que não o gabaritava a apontar os erros dos outros.

Diante de todo este jogo complexo de trocas de acusação, é importante observar que por parte da imprensa integralista, a utilização de tal expediente, não deixava de se inscrever na circulação do ideário antissemita que se tornou tão presente, durante as décadas de 1930, sendo muito bem analisada pela historiadora Maria Luiza Tucci<sup>22</sup>. A expressão deste fenômeno propiciou a estereotipização da figura do judeu e a manutenção de uma visão negativa, evoluindo na maior parte das vezes para uma posição intolerante, como as que observamos na circulação destas ideias no interior da imprensa o que forjava imagens e sentidos, para ambos os lados que se encontravam nesta contenda.

Este tipo de notícia ganhava nas páginas da imprensa católica e conservadora grande espaço de difusão, tendo como objetivo reforçar a visão do judeu que tinha

---

<sup>22</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O antissemitismo na Era Vargas**: fantasmas de uma geração. 3ª edição ampliada. São Paulo: Perspectiva, 2001.

como objetivo tirar vantagem de determinadas situações, mesmo que a notícia se apresentasse, numa primeira leitura, como uma tentativa de reproduzir uma informação desinteressada, ou até mesmo, reparadora de uma situação de ilegalidade como a que analisamos nos parágrafos anteriores. No interior de uma realidade onde cada vez mais se ampliava o ideário antissemita nos meios intelectuais e, que encontrava na imprensa uma caixa de ressonância, não podemos ler o artigo divulgado na *Razão* sem deixar de analisar no seu conteúdo, a tentativa de formar uma visão estigmatizadora com relação aos judeus e maçons, que encontrava no discurso corrente veiculado pelos intelectuais católicos e conservadores, a acusação de que um encontrava-se a serviço do outro<sup>23</sup>.

A partir do que pudemos apresentar neste tópico, tanto a biblioteca da Congregação Mariana, quanto as obras que circularam na formação da intelectualidade católica e conservadora no estado, tendo este espaço como um dos locais de difusão, nos ajuda a compreender o papel que estas leituras desempenharam na formação de uma mentalidade antimaçônica, alimentada pelo discurso do complô judaico e que conseguiu desfrutar no seio desta intelectualidade um campo de atuação e difusão.

Além da biblioteca da Congregação que ao longo deste tópico citamos e analisamos, onde muitos destes congregados atuavam e se formavam intelectualmente, outro polo importante de antimaçonismo e intolerância seria a Revista *Fronteras* que ao longo nos anos 1930-1940, constituem-se, numa importante “brigada” de formação, circulação e internalização de um conjunto de ideias, sentimentos e práticas antimaçônicas, que se tornaram elementos eficazes e efetivos na formação desta elite intelectual, e que se constituiu como uma espécie de agitação,

---

<sup>23</sup>Na construção desta mentalidade antissemita no país e da sua difusão nos vários espaços, não podemos deixar de observar a profusão de obras que tenha cada vez mais tratado esta faceta da nossa História. Desconstruindo a visão de que o preconceito e o antissemitismo não fez parte do ideário de nossa intelectualidade, mesmo que durante longo tempo a nossa historiografia não tenha devotado sob este aspecto um olhar mais contundente. Ver: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O antissemitismo nas Américas*. São Paulo, FAPESP, 2007; GOFFMAN, Erving. *O estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. São Paulo: LTC, 1988.

para fortalecer o combate entre os maçons e a intelectualidade de raiz e formação católica em Pernambuco dos tempos de Carlos de Lima Cavalcanti aos de Agamenon.

### **A *Revista Fronteiras*: a morada do pensamento antimaçônico de viés antissemita e anticomunista**

Surgida no mês de maio de 1932, a *Revista Fronteiras* foi publicada até março de 1933. Nesse tempo teve interrompida a sua edição por dois anos e meio, voltando a circular de dezembro de 1935 a junho de 1940. Desde a primeira fase da sua publicação, a *Revista Fronteiras* assumiu o papel de órgão de imprensa, vinculado à defesa do ideário católico e conservador, sendo palco de muitas polêmicas e defesa dos princípios proclamados pelos intelectuais ligados à Igreja Católica Romana, que tinham na lista dos seus inimigos o Comunismo, o Judaísmo e a Maçonaria.

Na revista vê-se, uma quantidade expressiva de artigos que versavam sobre os males provocados por este conluio de forças, representadas pelo comunismo-judaico-maçônico. Constituindo-se na “morada” de intelectuais que assumiam o espírito combativo, a *Revista Fronteiras* imprimiu no cenário jornalístico dos anos 1930 e 1940 a sua marca, como uma publicação onde o anticomunismo, antissemitismo e o antimaçonismo constituíram-se numa chave de leitura importante para compreendermos a visão de mundo que essa publicação pretendia divulgar.

O núcleo de intelectuais que gravitavam em torno dessa publicação católica, constituía-se numa expressão cabal do ideário que iria tomar conta dos espaços de poder em Pernambuco. Com a chegada de Agamenon Magalhães na interventoria no estado a partir de 1937. Analisando o cenário mental que se desenvolveu nos “tempos de Casa-grande”, Silvia Cortez analisa a expressividade e a vitalidade do pensamento e das figuras que faziam da *Revista Fronteiras* a sua morada, a autora assim observa:

Reuniu em seus quadros a elite intelectual católica de extrema-direita, a maioria congregados. Publicou matérias oriundas de



vários Estados do Brasil e do exterior, adequadas às diretrizes doutrinárias da revista. Artigos escritos por G. H. Chersteron, Pierre Gaxotte, Pe. Serafim S.J., Hilaire Belloc e Adolphe de Falgairolle, dentre outros, ganharam espaço em *Fronteiras*<sup>24</sup>.

Os colaboradores acima elencados são apenas parte dos que iriam figurar nas páginas da revista. A participação destes articulistas, somente garantiam a visibilidade e a importância que este órgão pretendia construir, no interior da imprensa católica pernambucana. A tais nomes se agregavam outros que comungavam das mesmas ideias, como por exemplo, Manoel Lubambo, Arnobio Wanderley, Willy Levin, Nilo Pereira, Guilherme Auler e Vicente do Rego Monteiro. Como bem analisou a citada autora, a *Revista Fronteiras* era quase que uma publicação extraoficial da Congregação Mariana do Colégio Nóbrega, uma vez que a maior parte dos seus redatores esteve sob a influência dessa associação católica laica, contribuindo na formação intelectual de parte dos representantes da citada revista. Muitos desses homens, como Manoel Lubambo, Nilo Pereira e Arnobio Wanderley, assumiram postos-chaves na administração estadonovista do interventor Agamenon Magalhães.

Um dos primeiros a trazer o “poder internacional judaico” e como este se utilizava de entidades secretas para desenvolver os seus fins, foi o artigo publicado em dezembro de 1933, relatando a estratégia de organização e atuação da Ordem dos B’NAI B’RITH, instituição eminentemente judaica, que recebeu por parte dos colaboradores da *Revista Fronteiras*, uma face maçônica, sendo inclusive, representada como a Maçonaria judaica.<sup>25</sup>

Observamos que, a partir de tal associação e através dos argumentos expostos no artigo, pretendia-se construir um ideal generalizador, ao ressaltar que a citada Ordem na verdade constituía-se numa forma maçônica de organização. No sentido

---

<sup>24</sup> SILVA, Silvia Cortez. **Tempos de Casa-Grande: 1930-1940**. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2010, p.146.

<sup>25</sup> GRÃOS Mestres da Maçonaria Internacional: A Ordem dos B’NAI B’RITH. *Revista Fronteiras*, Recife dez.1933, p.4.

de afirmar tal identidade, logo no parágrafo de abertura do texto, o autor escreveu: “A Ordem Maçonica Internacional dos B’nai B’rith (filhos do testamento) é aberta sómente aos judeus”.<sup>26</sup> Ao destacar esta identidade maçônica para uma instituição de origem e composição judaica, a *Revista Fronteiras* investia, dentro da lógica do ideário do complô<sup>27</sup>, uma vez que salientava ao longo do artigo, passagens que pretendiam destacar a participação e a suposta influência de um poder judaico que transpunha os limites territoriais entre as nações e agia diretamente sob a vida dos indivíduos, sem a percepção e consentimento destes. Ao destacar tal estratégia, procurava-se também imputar sobre os chamados “os filhos da viúva”, a visão de forças ardilosas, contrapostas às católicas que se constituiriam como fronteira, às ações maçônicas.

Ainda dentro do projeto revelador da “astucia maçônica” e suas intervenções no interior das sociedades, a *Revista Fronteiras*, de setembro de 1938, trazia na sua página principal um longo artigo, assinado pelo corifeu do antimacçonismo e da intelectualidade católico-conservadora pernambucana, o Padre Jesuíta Fernandes. Sob o título “Os tabus maçônicos”, o diretor espiritual da Congregação Mariana do Colégio Nóbrega, construía um conjunto de argumentos que tinha como objetivo revelar quais os dogmas principais defendidos pelas forças maçônicas universais.

Ao estabelecer para o conjunto de princípios defendidos pelos maçons, a conceituação de dogma, terminologia de fundo religioso, o Pe. Fernandes, não escondia o seu interesse de reduzir e associar à Maçonaria a uma espécie de religião, claro que, sendo esta ligada às forças satânicas, visão costumeiramente utilizada pelos intelectuais católicos. Pretendendo com tal estratégia formular um discurso contrário as demandas defendidas pelo ideário maçônico liberal, identificados pela

---

<sup>26</sup>GRÃOS Mestres da Maçonaria Internacional: A Ordem dos B’NAI B’RITH. *Revista Fronteiras*, Recife dez.1933, p.4.

<sup>27</sup> Os autores que se debruçam tendo esta análise como horizonte ver: GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; GOHL, Jefferson William. **O real e o imaginário: a experiência da Maçonaria na Loja União III em Porto União da Vitória: 1936-1950**. 2003.163p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná.

Democracia, Liberdade, Igualdade e o combate ao analfabetismo, evidenciado pelo ensino laico e público.

Todos estes princípios eram, na visão do Pe. Fernandes, apoiados pela Maçonaria, e “seu aliado e filho predileto, o comunismo”. Ao destacar tal associação o discurso antimaçom produzido pelo Jesuíta, ganhava o tom que iria caracterizar os seus argumentos e intervenções ao longo do texto, acentuando que todos os princípios supostamente liberalizantes da Maçonaria pretendiam na verdade desenvolver,

Cérebros atrofiados para serem instrumentos dóceis nas suas mãos e discípulos que aceitem a sua doutrina sem discussão. Foi para isso que ela arrancou das mãos da Igreja as suas universidades e baniu delas a filosofia escolástica, filosofia que ensina a pensar o amago das questões desmascarar o sofismo [...] A maçonaria apresenta-se como defensora da paz mundial, enquanto promove o ódio e guerra entre as nações como nunca a história registrou.<sup>28</sup>

Ao apresentar este discurso, o guru intelectual dos Congregados Marianos/CM, apontava a manipulação, como sendo uma característica marcante da forma como os maçons atuavam. Destacando essa dimensão perniciososa, o Pe. Fernandes pretendia revelar a “verdade” contida por trás dos ideais e finalidades maçônicas, muitas vezes representadas pelos seus filiados, como acima de possíveis interesses particulares. Na avaliação do líder da CM do Colégio Nóbrega, as ações promovidas pela Maçonaria e o ideário que defendia por parte dos seus membros para “buscar os seus interesses tenebrosos”.

Os tais “interesses tenebrosos”, o religioso Jesuíta, compreendia como sendo a disseminação de valores ligados à agenda liberal e ao ideário comunista, propostas tão diversas do ponto de vista ideológico, mas compreendida pela intelectualidade católica como tendo a mesma raiz, a maçônica. Um exemplo ainda forte no discurso construído pelo padre, era o de explorar os fatos ocorridos na Espanha, durante a Guerra Civil. Na visão do Pe. Fernandes, o comunismo, que era filho da Maçonaria,

---

<sup>28</sup>FERNANDES, Pe. Os Tabus Maçonicos. *Revista Fronteiras*, Recife set.1938, p.3.

estava por trás de todas as perseguições e “sofrimentos” que martirizavam os religiosos e a sociedade espanhola. Essa situação, constituía-se num exemplo concreto das maquinações e “interesses tenebrosos”, apontados pelo intelectual católico e que encontraria uma solução no seu campo de reflexão com o estabelecimento e desenvolvimento de uma educação religiosa que fosse implementada no interior de toda a sociedade. Pois, na visão do religioso, só a partir desta “consciência religiosa” seria possível usufruir de uma verdadeira democracia e educação de massas efetiva<sup>29</sup>.

Como apontamos em outros momentos da nossa análise, este período histórico seria extremamente rico na construção de identidades e associações negativas, tendo como alvo a Maçonaria. E nesse esforço de efetivar tais visões o trabalho desses intelectuais e segmentos seria preciso. Seguindo essa perspectiva e tendo ainda a *Revista Fronteiras* como referência, veremos, a utilização por parte deste periódico, do “martírio” de D. Vital, Bispo de Olinda e Recife. Em vários artigos publicados, é salientado o significado simbólico de Dom Vital para o laicato católico no país, sendo um modelo importante no combate ao maçonismo e tudo o que representava<sup>30</sup>.

Os artigos mostravam “o suplício” vivenciado pelo frade Capuchinho, como sendo uma das provas a mais do poder nefasto da maçonaria, que insistia em perdurar utilizando todas as suas estratégias sórdidas. O religioso foi então eleito pela revista, como uma espécie de patrono no seu combate antimaçônico. Diante desta questão, os articulistas da *Fronteiras* não se cansavam, em veicular nos seus artigos o árduo itinerário vivenciado pelo frade, tomando muitas vezes um forte

---

<sup>29</sup> ARRIBAS Javier Dominguez. La utilización del discurso antimasonico como arma política durante el primer franquismo (1939-1945). In: **Hispania. Revista Española de Historia**, 2006, vol. LXVI, núm. 224, septiembre-diciembre, p. 1107-1138.

<sup>30</sup>Com relação aos artigos que discutiam esta perspectiva e foram por nós consultados ver: VITAL, Dom. A Maçonaria –extracto da Pastoral do Bispo Martyr D.Vital, datada da fortaleza de s.joão, aos 28 de março de 1875 Biblioteca da Curia da Arquidiocese Olinda/Recife. *Revista Fronteiras Recife*, jan.1933, p.2; PIO, Fernando. O Chantre Camello de Andrade. *Revista Fronteiras*, Recife jan.1940, p.3; MONTEIRO, Vicente do Rêgo. Frei Vital. *Revista Fronteiras*, Recife mai.1936, p.4.

estilo dramático que se preocupava na verdade, em demonstrar através deste recurso, os desdobramentos que ocorreram a partir da Questão Religiosa, e como um dos principais personagens, Dom Vital, foi tratado pelas forças maçônicas e liberalizantes.

Nessa perspectiva, os artigos que se ocuparam em discutir a citada questão, utilizando a figura do Bispo de Olinda e Recife, como expressão da mobilização católica contra a Maçonaria, possuíam objetivos muito precisos: construir uma visão de continuum histórico entre os períodos, apontando que não havia ocorrido nenhuma descontinuidade de questões e da ação maçônica ao longo do tempo, entre a Questão Religiosa ocorrida no século XIX, até as décadas de 1930 e 1940. A lógica construída por este círculo intelectual de raiz católica da Revista Fronteiras era a de que eles, como Frei Vital no século XIX, esforçavam-se conjuntamente no combate ao que eles identificavam como as “maquinações e malefícios forjados pela Maçonaria à sociedade”.

Os exemplos discutidos pela imprensa e a intelectualidade conservadora e católica, que tinha como um dos principais “*fronts de combate*”, a biblioteca da Congregação e a Revista Fronteiras, publicação relacionada ao campo intelectual, político e cultural da hierarquia católica, construíam sobre os maçons e a maçonaria, como foi possível observar ao longo do texto, um conjunto de visões que se tornaram em instrumentos efetivos no estabelecimento de estereótipos e sentimentos, que formularam uma carga de negatividade sobre os setores ligados aos “pedreiros-livres” e que se constituiriam numa importante, a partir do final do ano de 1937 no processo de interdição nas atividades maçônicas, fechamento e confisco do acervo das lojas desta entidade em Pernambuco e no resto do país. A partir de toda esta realidade é importante observar como ela acabou deixando marcas importantes na sociedade, e foi de alguma maneira resultado do movimento de institucionalização da intolerância que foi explorada no início do artigo, e que passou a fazer parte das práticas e relações entre a igreja católica, os intelectuais e a maçonaria.

## Referências

- ALMEIDA, Maria das Graças A. A. de. *A Construção da verdade autoritária*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- ARRIBAS Javier Dominguez. La utilización del discurso antimasónico como arma política durante el primer franquismo (1939-1945). In: *Hispania. Revista Española de Historia*, 2006, vol. LXVI, núm. 224, septiembre-diciembre.
- AROUET, François Marie. (Voltaire). *Tratado sobre a tolerância: por ocasião da morte de Jean Calas*. São Paulo: Escala Educacional, 2006.
- AZZI, Riolando. *Historia da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964*. Petrópolis, Vozes, 2008
- BARROSO, Gustavo. *História secreta do Brasil*. 1ª reedição. Porto Alegre: Editora Revisão, 1990-1993. (6 Volumes).
- BERTRAND, L. *A Maçonaria seita judaica: suas origens, sagacidade e finalidades anticristãs*. São Paulo: Minerva, 1936.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O antissemitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração*. 3ª edição ampliada. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O antissemitismo nas Américas*. São Paulo, FAPESP, 2007.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- GOFFMAN, Erving. *O estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. São Paulo: LTC, 1988.
- GOHL, Jefferson William. *O real e o imaginário: a experiência da Maçonaria na Loja União III em Porto União da Vitória: 1936-1950*. 2003.163p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná.
- GRÃOS Mestres da Maçonaria Internacional: A Ordem dos B'NAI B'RITH. *Revista Fronteiras*, Recife dez.1933.
- FERNANDES, Pe. Os Tabus Maçônicos. *Revista Fronteiras*, Recife set.1938.
- LEITÃO, Heli. Sopenhagen, *O mensageiro*, Garanhuns15/05/1937.
- QUEM seria mais judeu?. *O mensageiro*, Garanhuns 19/09/1937.
- MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trosky: o pensamento antissemita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- MONTEIRO, Vicente do Rêgo. Frei Vital. *Revista Fronteiras*, Recife mai.1936.
- PONCINS, Léon. *As forças secretas da Revolução: Maçonaria, Judaísmo*. Porto Alegre: Globo, 1937.

SILVA, Severino Vicente da. *A Primeira Guerra na Tribuna Religiosa: o nascimento da neocristandade*. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985. (Dissertação de Mestrado em História).

SILVA, Silvia Cortez. *Tempos de Casa-Grande: 1930-1940*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2010.

VITAL, Dom. *A Maçonaria* –extracto da Pastoral do Bispo Martyr D.Vital, datada da fortaleza de S.João, aos 28 de março de 1875 Biblioteca da Curia da Arquidiocese Olinda/Recife. *Revista Fronteiras Recife*, jan.1933.

PIO, Fernando. O Chantre Camello de Andrade. *Revista Fronteiras*, Recife jan.1940.

WIESEL, Elie. Prefácio. In: BARET-DUQCROQ, Françoise. *A Intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.